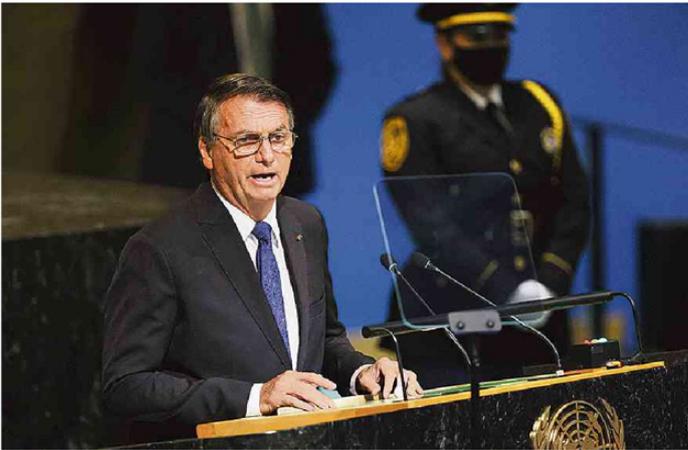


ELEIÇÕES 2022

Presidente discursou nas Nações Unidas e acabou atacando Lula, sem mencionar o nome do adversário

Bolsonaro ressalta melhora na economia

Em discurso de 20 minutos na abertura da 77ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) destacou ontem a melhora da economia brasileira, fez um balanço das ações de seu mandato e criticou, de forma indireta, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), seu adversário na disputa eleitoral.

Como é tradição, o governante do Brasil foi o primeiro chefe de Estado a falar no evento. No pronunciamento, Bolsonaro ressaltou o combate ao coronavírus e comemorou a vacinação da população contra a covid-19, afirmando que o governo "não poupou esforços para salvar vidas e defender empregos", citando também o auxílio emergencial. Ele não abordou críticas apontadas por adversários, como o incentivo ao uso de medicamentos ineficazes, o atraso na compra de imunizantes ou o fato de deixar de utilizar a máscara como proteção, por exemplo.

O presidente também falou sobre um "Brasil do passado" ao citar o combate à "corrupção sistêmica" que, segundo ele, existia no país entre 2003 e 2015, período dos governos Lula e Dilma Rousseff. Em referência a Lula, destacou que o petista foi condenado em três instâncias por unanimidade.

Já era esperado que Bolsonaro citasse o crescimento do Produto

Interno Bruto (PIB) brasileiro, assim como a criação de vagas de emprego, a redução no custo dos combustíveis e de energia, a deflação registrada nos últimos dois meses e o pagamento do Auxílio Brasil, no valor de R\$ 600, que o mandatário promete manter no próximo ano, caso seja reeleito.

– Apesar da crise mundial, o Brasil chega ao final de 2022 com uma economia em plena recuperação – ressaltou.

Alimentos

Embora fosse um evento de Estado, o discurso do presidente foi revisado pelo marqueteiro Duda Lima e pelo presidente do PL, Valdemar Costa Neto, de acordo com informações de apoiadores.

Também era esperado que o presidente não se posicionasse diretamente sobre o conflito na Ucrânia. Bolsonaro agradeceu aos países que auxiliaram na evacuação de brasileiros do país europeu e também defendeu o cessar-fogo imediato e a proteção de civis e da infraestrutura essencial à população. Além disso, condenou o isolamento diplomático e econômico, em referência às medidas impostas por grandes potências em relação à Rússia.

Bolsonaro falou sobre a importância do Brasil na produção de alimentos, como um dos maiores exportadores mundiais. Segun-

do o mandatário, isso foi possível graças a "pesados investimentos" em ciência e inovação, visando sustentabilidade e produtividade.

– Se não fosse o agronegócio brasileiro, o planeta passaria fome, pois alimentamos mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo – disse Bolsonaro.

– O nosso agronegócio é orgulho nacional – acrescentou.

O presidente afirmou que o Brasil é referência para o mundo quando se trata de desenvolvimento sustentável. De acordo com ele, mais de 80% da floresta amazônica continua intocada no país. O chefe do Executivo ainda criticou os dados divulgados pela imprensa nacional e internacional sobre o desmatamento no bioma.

Antes do discurso, Bolsonaro, em segundo lugar em levantamentos de intenção de voto do Ipec e do Datafolha, disse que "essas pesquisas não valem nada" e reafirmou que vai ganhar no primeiro turno.

As campanhas dos candidatos à Presidência Ciro Gomes (PDT) e Soraya Thronicke (União Brasil) pediram ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que proíba Bolsonaro de usar em sua campanha imagens do discurso na ONU. Também solicitaram que o presidente seja investigado por abuso de poder político e econômico pelo uso de aparato estatal para promover sua candidatura.

DIÁRIOS DO MUNDO**RODRIGO LOPES**rodrigo.lopes@zerohora.com.br
@rlopesreporter

ESTA COLUNA CONTÉM INFORMAÇÃO E OPINIÃO

Tom eleitoral na ONU

Em seu último discurso do atual mandato, na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) aproveitou o mais importante palco internacional para relatar feitos do governo, exibir propostas em caso de reeleição e atacar, ainda que sem citar explicitamente, o principal rival, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A primeira parte do pronunciamento foi praticamente um resumo de seu programa de governo, que mistura trechos em que defende ações do mandato com propostas de continuidade. Ao falar da pandemia de coronavírus, ao contrário de ocasiões anteriores, o presidente evitou citar medicamentos sem comprovação científica. Voltou a dizer, entretanto, que seu governo "não poupou esforços para salvar vidas e preservar empregos". Destacou que o auxílio emergencial beneficiou mais de 68 milhões de pessoas e, ao contrário do discurso de 2021, quando fez um pronunciamento contra a obrigatoriedade da vacina, desta vez, vendeu a imagem de um Brasil campeão na imunização.

Bolsonaro deu detalhes de sua agenda doméstica, ainda que se possa questionar o quanto alguns aspectos internos interessam à plateia internacional. Seu foco era o eleitor brasileiro, o que ficou claro, por exemplo, no momento em que citou a transposição do Rio São Francisco, "levando água para o Nordeste brasileiro". Nessa região Bolsonaro tem os piores índices nas pesquisas.

Ao falar de economia, a figura do candidato se sobressaiu, mais uma vez, sobre a do presidente, com ataques indiretos ao PT.

– Extirpamos a corrupção sistêmica que existia no país – afirmou, ignorando acusações contra seu governo, como a liberação de verbas no Ministério da Educação e suspeitas sobre sua família.

Ele afirmou que "o

endividamento da Petrobras, por má gestão, loteamento político e desvios, chegou a US\$ 170 bi".

– O responsável por isso foi condenado em três instâncias por unanimidade – afirmou, referindo-se a Lula, mas sem citá-lo nominalmente.

Na segunda parte do discurso, Bolsonaro tentou mostrar ao mundo que o Brasil estaria saindo da crise internacional. Mas, mesmo ao falar de temas globais, como a guerra na Ucrânia, voltou a ter como alvo os eleitores, destacando a queda nos preços dos combustíveis.

Pontos observados com lupa pela comunidade internacional, o ambiente e a proteção da floresta Amazônica ficaram para o final. Bolsonaro repetiu argumentos que contrariam as imagens de queimadas e os dados de desmatamento, que ele atribui "à mídia nacional e internacional". Apresentou números gerais, ao dizer que dois terços do território brasileiro se encontram com vegetação nativa e que 80% da Amazônia "continua intocada".

Menos agressivo do que em anos anteriores, buscou, ao final, dedicar-se a temas das relações exteriores, defendendo "cessar-fogo imediato" na guerra e, sem citar a Rússia, acenando a Vladimir Putin, ao criticar "o isolamento diplomático e econômico".

Ao citar a defesa da liberdade religiosa, anunciou que o Brasil abre suas portas para acolher padres e freiras "perseguidos do regime ditatorial da Nicarágua". No entanto, não mencionou outras ditaduras de esquerda, como Venezuela (embora tenha falado sobre os refugiados da Operação Acolhida) e Cuba, ou de direita, como Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, que visitou durante seu mandato.

Ele encerrou o discurso com o lema de uma nação que "acredita em Deus, pátria, família e liberdade", praticamente o de sua campanha, garantindo o mesmo tom eleitoral que exibiu ao ocupar o púlpito internacional.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Eleições 2022 **Página:** 6